

DIREITOS RESERVADOS PELA
EDITORA BRASILIENSE LTDA.
SÃO PAULO

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

1105

OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO

1.^a Série ★ LITERATURA GERAL ★ Vol. 6

Monteiro Lobato

NA
ANTEVESPERA



1946

EDITORIA BRASILIENSE LIMITADA
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 93 — S. PAULO

Novo Gulliver

Ha lembranças da meninice que jamais se apagam do cerebro adulto, mesmo quando esse receptor de impressões não consegue, por fraqueza senil, reter as da vespera. Lembro-me de um cromo de vivas cores que vi aos cinco anos, reclame da linha de coser Coat, e não me lembro dos desenhos allegoricos a Cristo publicados nos jornais da ultima sexta-feira santa. Representava aquelle cromo um gigante estirado á borda do mar e enleado de mil fios de linha Coat; em redor formigava a legião dos pigmeus amarradores. De mãos á cintura, muito contentesinhos, confundiam a immobilidade do gigante, consequencia do bom sono que dormia, com a immobilidade da mosca enleada por mil voltas da teia de aranha.

Mais tarde, quando chegou o belo tempo dos livros de Grimm, Andersen e outros maravilhadors da imaginação infantil, travei conhecimento com Jonathan Swift e tive a explicação do meu cromo de Coat. Representava Gulliver no país de Liliput, amarrado durante o sono por mil cordas liliputianas. Mas Gulliver acordou, estirou os musculos e com um simples espreguiçamento rompeu, com grande assombro dos locais, toda a amarrilhoca que o prendia.

Quem trepa a um Corcovado imaginario e de lá procura ver em conjunto o Brasil, espanta-se da sua

atitude. E' um gigante deitado e amarrado. Mas não dorme; estertora com a respiração opressa e faz desordenados movimentos convulsivos para romper o cordame enleador.

O Gulliver sul-americano principiou a ser amarrado pelos portugueses, quando Portugal descobriu que em suas veias circulava ouro, o sangue amarelo; e desd'aí até hoje os homens do cipó, vulgo homens do governo, outra coisa não fizeram, federal, estadual, municipalmente, senão dobrar cipós, cordas e fios de arame sobre seus membros para que, a salvo de pontapés, possam suga-lo com suas trombinhas de percevejo.

Portugal só organizou uma coisa no Brasil-colônia: o Fisco, isto é, o sistema de cordas que amarram para que a tromba percevejante sugue sem embaraços. Quem lê as cartas regias e mais literatura metropolitana enche-se de assombro diante do maquiavelico engenho luso na criação de cordas. Cordas trançadas de dois, de tres, de quatro ramais; cordas de canhamo, de crina, de tucum, de tripa; cordas estrangulatorias de exprimer o sangue amarelo e cordas de enforçar.

E assim foi até que um português de genio impulsivo se condoeu da triste sorte do gigante e cortou o cordão umbilical que o prendia á Metropole: corda mestra, corda mãe de toda a linda coleção de cordas fiscaes secundarias. E o gigante respirou e viveu feliz, sobretudo no meio seculo de "compreensão" que o magnanimo filho do primeiro Pedro houve por bem outorgar-lhe.

Mas não ha felicidade que dure mais de meio seculo. Uns bachareis formados pela universidade da

Lua e uns generais tentados pela serpente da traição implicaram-se com a velhice do principe magnanimo, acusaram-no de saber quatorze linguas, de assistir a exames de meninos, de boicotar com um celebre lapis azul os maus juizes, em vez de fazer as coisas interessantes que, quatrienalmente, postos no lugar do velho sabio, eles, bachareis e generais, fariam. E deportaram-no; meteram-no a bordo dum mau navio e:

— “Vai ninar os netos de Vitor Hugo. Tu não entendes de lidar com o gigante.”

O bom velho partiu e os bachareis e generais, a olharem-se uns para outros, sorridentes e gososos, tomavam conta da casa.

Não diremos aqui das consequencias inumeras da mudança; basta que as sintamos todos os dias como o suplicio da gota d'agua; diremos somente da coisa capital que a republica fez, faz e continuará a fazer. Estomagada com a liberdade de movimentos do bom gigante, resolveu amarra-lo de novo. Foi ás cartas regias da Metropole e ressuscitou uma a uma todas as cordas fiscaes rompidas pelos Pedros; recompo-las e recommçou a enlear pachorrentamente o pobre Gulliver. Amarra os braços, amarra as pernas, amarra as mãos; amarra, amordaça a boca para que não grite — e foi-se a Constituição; amarra os olhos para que não veja— e lá se foi a imprensa.

Sobre o corpo de Gulliver desceram todos os arroxos. Não bastaram os cipós e cordas de invenção lusa; importaram-se cabos de aço, torniquetes complicadissimos, borzeguins medievais remodelados pela enge-

nhosidade moderna. O Fisco tornou-se o objetivo supremo de todas as suas altas cogitações. Anualmente se reúnem, durante meses, centenas de técnicos cuja função é uma só: inventar novas torturas fiscais, novos aparelhos de sarjar as carnes e extorquir sangue á vítima.

Gulliver estertora. Todas as suas forças empregas ele em defender-se das cordas e ventosas que o Congresso torce e engenha. O Santo Oficio virou um marquês de Sade repartido em bancadas; não se contenta em tirar sangue, ha que tira-lo da maneira mais dolorosa, da maneira mais incomoda; da maneira mais lesiva ao organismo do bom gigante. A invenção do novo borzeguim — imposto da renda — excede a tudo quanto saiu da cabeça dos inquisidores: *a vitima ignora o que tem de pagar e se não paga com exatidão incide em pena de confisco!* E se em desespero de causa pede ao Fisco que lhe explique o misterio, que lhe dê a chave vertical e horizontal do quebra-cabeças, o marquês de Sade sorri e responde diagonalmente:

— Pague com cheque cruzado, e explica com grande ironia de detalhes como se toma de uma regua, duma pena molhada em boa tinta e como se cruza um cheque.

Não ha criatura neste país que não confesse um desanimo infinito. As energias do homem que trabalha e produz despendem-se por tres quartos na luta contra a escolastica e o sadismo da cipoeira fiscal; sobra-lhe uma pequena parte para dedicar á sua industria. Até esforço muscular dos dedos o sadismo do fisco lhe rou-

ba. Pela manhã, ao acender o primeiro cigarro, tem que gastar o esforço de duas unhas para romper o selo com que o fisco tranca as caixas de fosforos e os maços de cigarro...

Este engenhoso sistema de tortura tem em vista uma coisa só: permitir que sobre o corpo do gigante a vermina duma parasitalha infinita engorde em *dolce far niente*, como o carrapato engorda no couro do boi pesteadado.

Vermina ininteligente! Consultasse ela os carrapatos e receberia deles um conselho salutar:

— “E’ perigoso levar a sucção a grau extremo; morre o boi, e com ele a parasitalha.”

Será que nem o instinto da conservação propria consiga meter um raio de intelligencia nos miolos do *Triatoma megista*, nome científico do que vulgarmente chamamos governo brasileiro?